

SIMPÓSIO AT104 - Belle Époque, novas sensibilidades: Modernidade, Técnica, Cultura Urbana, Literatura e Outras Artes.

A NEURASTENIA DE “UM PAIZ A BEIRA DO ABYSMO”: O BRASIL NUMA ESTAÇÃO DE CURA

SILVA, Mônica Gomes da
UFRB - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
mgs@ufrb.edu.br

Resumo: Esta proposta volta-se para a leitura do romance *A correspondência de uma estação de cura* (1918) de João do Rio (1881-1921). A polêmica marca a tradição crítica do romance, sendo perceptível uma divisão acerca do valor da obra. Por um lado, uma vertente destaca o caráter de obra “menor”, ressaltando sua insuficiência como romance epistolar. Por outro, uma segunda vertente evidencia seu caráter inovador, um “flirt” com a paisagem técnico-industrial, encarnando os valores da *Belle Époque* brasileira. Utilizam-se como referenciais teóricos os estudos de Antonio Candido (1992), Flora Süssekind (1987), Marta Barcellos (2016), Nicolau Sevcenko (1998) e Rodrigo Gurgel (2013). Partindo duma tradição crítica dual que se estabeleceu na apreciação do texto, ora evidenciando os procedimentos narrativos, ora privilegiando a atmosfera *Art Nouveau*, busca-se estudar a elaboração de uma imagem do país no romance epistolar de João do Rio. Ressalta-se a relação entre o discurso crítico a respeito do Brasil, e dos brasileiros, em contraponto com processo de modernização e as condições para o desenvolvimento de uma civilização nos trópicos. A modernização é representada tanto por meio das novas técnicas, quanto do saber científico, em especial, dos conhecimentos médicos. Assim, sitiados pela Primeira Grande Guerra, observamos uma reunião forçada de brasileiros no país e a atmosfera neurastênica de contato com uma realidade que o dândi tropical “desconhece por completo”.

Palavras-chave: Brasil; Correspondência de uma estação de cura; Imagem; João do Rio; Modernização.

Abstract: This proposal back to the reading of the novel *A correspondência de uma estação de cura* (1918) of João do Rio (1881-1921). The polemic mark a critical tradition of novel, being a perceptible division about the value of work. On the one hand, a strand highlights the character of work "smaller", emphasizing its inadequacy as epistolary novel. On the other hand, a second strand highlights its innovative character, a flirt with the technical-industrial landscape, embodying the values of the Brazilian Belle Époque. The theoretical references are Antonio Candido (1992), Flora Süssekind (1987), Marta Barcellos (2016), Nicolau Sevcenko (1998) e Rodrigo Gurgel (2013). Starting from a dual critical tradition established in the appreciation of the text, sometimes evidencing the narrative procedures, sometimes favoring the Art Nouveau atmosphere, it is sought to study the elaboration of an image of the country in the

epistolary novel of João do Rio. The relation between the critical discourse about Brazil in counterpoint with the modernization process and the conditions for the development of a civilization in the tropics. Modernization is represented both through new techniques and scientific knowledge, in particular, medical knowledge. Thus besieged by the First World War, we observed a forced gathering of Brazilians in the country and the neurasthenic atmosphere of contact with a reality that the tropical dandy "completely ignores."

Keywords: Brazil; Correspondência de uma estação de cura; Image; João do Rio; Modernization.

Introdução

O romance epistolar de João do Rio, pseudônimo literário de Paulo Barreto, *A correspondência de uma estação de cura*, completou cem anos em 2018 e o debate sobre o valor e atualidade da obra ainda é um ponto polêmico. Desde sua estreia, é perceptível o incômodo diante de texto tão peculiar no panorama literário brasileiro das primeiras décadas do século XX, sendo o romance desqualificado, por vezes, como obra frívola e de pouco fôlego narrativo. Contudo, ao se debruçar sobre a tradição crítica do romance, evidencia-se um ponto recorrente que ultrapassa a questão de sua validade estética: o retrato de uma elite ornamental e alienada em relação ao próprio país.

Nesse sentido, o presente trabalho se volta para a atmosfera "neurastênica" presente na reunião forçada dessa elite brasileira que, afetando sofisticação, suspira saudosa pela Europa. Para tanto, discute-se como a modernização, através das novas técnicas e da importância cada vez maior do conhecimento científico, contribui para compor uma imagem de país no romance epistolar de João do Rio. Assim, o trabalho se divide em duas partes: a primeira com um breve percurso pela tradição crítica do romance e a segunda parte a neurastenia de um "um paiz a beira do abysmo".

1. A tradição de leitura de um crônico romance

É perceptível identificar uma tradição crítica dual que alicerça a leitura de *A correspondência de uma estação de cura*. Inicialmente, destacam-se

reproches pouco lisonjeiros associados à atividade de cronista da vida mundana carioca, a qual consagrou João do Rio. A acusação de que o texto não passava de um reunião de crônicas descosidas sustenta a suposta inconsistência estrutural do romance. É muito citado o artigo de Viriato Correia (1918), o qual recebeu como resposta do próprio romancista, recusando, de forma veemente, a associação com o gênero crônica.

Acresce a esta reprovação, questões biográficas que ocupam parte importante das críticas relacionadas ao texto, as quais contribuiriam ainda mais para a fama de leviandade e esnobismo da obra. Retomamos o estudo de Lúcia Miguel-Pereira, no qual ambos juízos, aparecem de forma negativa:

Paulo Barreto, escolhendo como pseudônimo literário João do Rio, inconscientemente traçava uma espécie de autocrítica; crismar-se João do Rio, traía o propósito de ser, mesmo na ficção, um cronista da cidade, e da cidade do seu momento, deslumbrada ao descobrir-se capital, e por isso mesmo tendendo a se descaracterizar. Não é o Rio tão humano e tão brasileiro, de Machado de Assis e Lima Barreto, que aqui se evoca, mas o Rio cosmopolita dos esnobes, sempre com um pé nos transatlânticos [...]. (MIGUEL-PEREIRA, 1973, p.279).

A obra de João do Rio seria, portanto, datada, circunscrita a um período muito específico, sem a tão celebrada brasilidade de nossa literatura. Se alguns contos de João do Rio aparecem como textos incontornáveis nas antologias sobre o início de século XX, o romance epistolar não obteve o mesmo reconhecimento, o que se reflete nas poucas edições da obra. Além das duas primeiras edições, de 1918 e 1920, somente em 1992 seria composta uma nova edição, que contribui para modificar a leitura sobre a obra.

A sinalização de mudança na apreciação crítica se dá, um pouco antes, com o estudo de Flora Sússekind, cujo título é retirado de uma das obras de João do Rio, *Cinematógrafo de letras* (1987), suplantando, enfim, a leitura biográfica. Devido ao aprofundamento em torno do "horizonte técnico" no qual o autor participa através de uma "mimesis sem culpa" (SÜSSEKIND, 1987, p.24), a ligação do texto com a produção jornalística perde a conotação negativa da primeira tradição:

Como acontece em *A correspondência de uma estação de cura* (1918), onde convivem crônica mundana, reportagem em cartas sobre o jogo, a "cavação" e as casas de espetáculo em Poços de Caldas, e uma supressão quase completa da figura do narrador como elemento organizador do romance, fragmentado aí numa série de pequenas narrativas epistolares autônomas. (SÜSSEKIND, 1987, p.20).

Entretanto, incontestavelmente, é o ensaio "A atualidade de um romance inatural" de Antonio Candido que consegue deslindar a inovação da estrutura narrativa, ressaltando o seu "sabor da vida que passou" (CANDIDO, 1992, p. IX). Nesse ensaio, Antonio Candido recorda importantes aspectos da sociedade retratada no romance epistolar, além de deter na polifonia do texto de João do Rio. Indo de encontro ao questionamento sobre o valor da obra, o professor menciona a obtusidade de parte da crítica, que insistiu classificá-lo como superficial e, até mesmo, racista (CANDIDO, 1992, p. XVIII).

De todo modo, a primeira tradição crítica ainda reverbera ao se abordar a obra, como aparece no artigo "Canalhice e afetação" de Rodrigo Gurgel (2013). Discordando de Antonio Candido, o autor retoma a questão da suposta inconsistência estrutural da obra, que não honraria a tradição dos romances epistolares: "Tratada como 'romance' pela crítica, não passa, entretanto, de um conjunto de crônicas travestidas em cartas." (GURGEL, 2013, p.1). A longínqua acusação de Viriato Correia, debatida pelo próprio autor, faz eco aqui. Após uma breve revisão do romance epistolar e a retomada da biografia de Paulo Barreto, ratificam-se os juízos críticos já postos em xeque por Antonio Candido:

Monteiro Lobato, nos comentários que fez sobre o livro [...], aponta o "linguajar cambaio", a "charrice" das "idéias simiescas" e a "pretensa elegância canalha". Lúcia Miguel-Pereira classifica o texto do cronista como "espuma inconsistente". Ambos estão certos. Errados são aqueles que elogiam tais coisas. (GURGEL, 2013, p.5)

Em 2016, Marta Barcellos retoma a linha de Flora Süssekind e Antonio Candido ao superar o dualismo negativo na combinação crônica-biografia na leitura do texto. A autora reitera a inovação do "mosaico" de cartas que compõe o romance, além de pontuar a pertinência da obra ainda hoje: "Seria impressão

minha, ou a temática em torno de super ricos, preconceitos e tensões sociais anda assustadoramente atual?" (BARCELLOS, 2016, p. 2).

Assim, conforme destaca a autora a respeito do romance epistolar, o "personagem principal [...] a alta-roda da sociedade brasileira" (BARCELLOS, 2016, p. 1) passa a ser nosso objeto de interesse no próximo tópico.

2. A neurastenia de "um paiz a beira do abysmo"

Embora parte da crítica considere problemático o estilo *Art Nouveau* nos textos de João do Rio, podemos constatar, na tradição de leitura do romance, que o "ornato" não reduz seu potencial crítico. Por outro lado, recobrar o conceito de *flirt* com a "paisagem tecno-industrial" (SÜSSEKIND, 1987, p.15) pode, não só superar o juízo negativo em relação à estrutura narrativa que flerta com o *media*, como também a importância da nova sensibilidade que se instaura na sociedade em princípios do século XX.

Os avanços técnicos, que permitem deslocamentos cada vez mais velozes e a reprodução de imagens (estática/em movimento), são elementos fundamentais da modernização, cuja representação é constante nos textos de João do Rio. O deslocamento constante dos personagens e o novo modo de produzir imagens confirmam que os meios técnicos permitem uma aceleração maior, também, da vida, numa associação inédita.

Para além do "deslumbramento" com os novos aparatos, o que explica, parcialmente, nas obras, a recorrência em citar automóveis, trens, filmes e fotos, é uma nova forma de se perceber a realidade que, pouco a pouco, se delineia em meio ao frenesi das novidades: "Ver o mundo passar de dentro de um carro confirma, pois, no dia-a-dia, as mudanças nas formas de percepção incentivadas pela difusão da fotografia e do cinematógrafo." (SÜSSEKIND, 1987, p.51).

Outro aspecto crucial relativo à modernização, é a preocupação crescente com a saúde, amparada pelo discurso higienista do momento e acompanhada de forte propaganda de remédios, verdadeiras panaceias,

oferecendo, de modo sedutor, a cura a módicos preços. Nicolau Sevcenko estuda relação entre o mundo da propaganda e o processo de adoecimento dessa sociedade:

Uma razão bastante evidente para isso é que o intenso surto de urbanização, trazendo para as cidades gentes sobretudo de origem rural, rompeu o contexto da família ampla e a cadeia de conhecimento das ervas, tratamentos e processos tradicionais de cura. O lapso foi rapidamente preenchido pelos novos laboratórios químicos e, sobretudo, pela rapidez dos oportunistas em se dar conta da nova situação. Ademais, as próprias condições de aceleração, concorrência, isolamento, individualismo, ansiedade e a crescente carência de contatos afetivos tinham um indubitável reflexo na somatização de indisposições, instilando o proverbial "mal-estar da vida moderna". (SEVCENKO, 1998, p. 553).

Esses aspectos da modernização se entrelaçam e ajudam a compor A *correspondência de uma estação de cura*. A neurastenia é o termo psiquiátrico que aparece no romance, cuja acepção principal é: "Distúrbio mental caracterizado por astenia psíquica, preocupação com a própria saúde, grande irritabilidade, cefaléia, alterações do sono e fácil fatigabilidade." (AURÉLIO, 2004). É, justamente, o estado psíquico dos personagens atordoados pelo ritmo da modernização, em constante deslocamento, que dá o tom do romance. Aponta-se para a deterioração das relações pessoais, realizadas em função da ascensão social, em uma carreira para obter vantagens pecuniárias, como mais um fator de adoecimento. Realiza-se, desse modo, a denúncia à sociedade de fachada (SÜSSEKIND, 1987, p. 68) que se reúne quase, à força, no Brasil.

Buscam-se, em Poços de Caldas, numa afluência coordenada de esnobes e escroques, os miraculosos banhos termais como tratamento da atmosfera "neurastênica". A impossibilidade de buscar a cura em lugares mais "civilizados" já aparece, ironicamente, na primeira carta. Antero Pedreira descreve o ambiente "enervante" a D. Lúcia Goldschmidt de Resende, lamentando que "O desagradável é vir para Poços de Caldas imaginando Saint Moritz e encontrar um desabalado ar de dilúvio [...] " (RIO, 1920, p. 7).

Mas é a entrada frenética de Teodomiro Pacheco, saltando do carro em movimento, que personifica a neurastenia no romance: "Teodomiro Pacheco, o parisiense Teodomiro — absolutamente neurasténico." (RIO, 1920, p. 15). A agitação nervosa do personagem é condizente com o ritmo vertiginoso das grandes cidades: "Teodomiro estava neurasténico. Quiz tratar-se. Onde? [...] O resto do Brasil causava-lhe pavor. Que seria isso por aí? Sem conforto, sem legumes, sem trufas, sem travesseiros!" (RIO, 1920, p. 29-30).

Antero narra o espanto e a perplexidade desse dândi desterrado em presenciar a bulhenta, colorida e diversificada realidade brasileira, que não possuía o mínimo para seu conforto de homem elegante. A descoberta se dá a bordo de um trem, veículo que evoca a modernização. Através de quadros, verdadeiros instantâneos em movimento dessa viagem, projeta-se um pequeno filme, no qual o pano de fundo é a paisagem nacional. É composto o retrato de "um brasileiro como deve haver muitos. Tem como base das suas opiniões — o Brasil um paiz a beira do abysmo; e desconhece por completo o Brasil." (RIO, 1920, p. 29).

O vício nacional da "familiaridade" é repugnante; a paisagem não lembra, em quase nada, o romantismo da "floresta virgem, inacessível a mão humana" (RIO, 1920, p. 31); critica-se a "corrupção" feita pelo povo da língua portuguesa. Os preconceitos raciais vão à tona: "Outra noção de Teodomiro era que, ao deixar as avenidas do Rio ou de S. Paulo, teria de encontrar índios e negros. Não via índios. Pretos eram raros." (RIO, 1920, p. 32). O encantamento com a da riqueza rural e a beleza cromática de desconhecidas jabuticabas e paineiras é a nota humorística, que reforça a futilidade do personagem que oscila entre a misantropia e o desejo de travar relações com a misteriosa nação.

Marca-se, continuamente, a insuficiência nacional, cuja inferioridade em relação às paisagens estrangeiras, aparece no desolado comentário do próprio Antero: "As cascatas de Poços não são o Niagara." (RIO, 1920, p. 95). Contraditoriamente, reconhece-se a potência do país, já que "Só fala da Suíça quem não tem nada dentro da cabeça" (RIO, 1920, p. 155). Deve-se conhecer

urgentemente o país que "decididamente tem grandes problemas a resolver." (RIO, 1920, p. 47). Dada a complexidade do desafio, a resolução é abandonada em prol dos jogos e diversões que recordem a "civilização".

Por fim, o país é visto como um "abysmo" temido por essa elite esnobemente cosmopolita: "Teodomiro ergueu-se, sentindo um arrepio de medo, uma infinita tristeza. Que seria dêle, só, sem o seu conforto, sem a sua sociedade, sem os seus travesseiros?" (RIO, 1920, p. 42). A cura ainda estava distante para a elite neurastênica brasileira, cujos sonhos de modernização não encontravam no país o seu espaço ideal.

Referências

AURÉLIO. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio**. Versão 5.0. Editora Positivo, 2004.

BARCELLLOS, Marta. Mosaico de cartas. In: **Correio do Instituto Moreira Salles**. Outubro, 2016. Disponível em: <https://www.correioims.com.br/un-categorized/mosaico-de-cartas-por-marta-barcellos/> Acesso em 15.out.2018.

CANDIDO, Antonio. Atualidade de um romance inatual. In: RIO, João do. **Correspondência de uma estação de cura**. 3ed. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, Fundação Casa de Rui Barbosa, Scipione, 1992, p. IX - XVIII.

GURGEL, Rodrigo. Canalhice e afetação. In: **Rascunho**. Ensaios e Resenhas. Abril, 2013. Disponível em: <http://rascunho.com.br/canalhice-e-afetacao/> Acesso em 15.out.2018.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. **Prosa de ficção: de 1870 a 1920**. 3ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1973.

RIO, João do. **Correspondência de uma estação de cura**. 2ed. Lisboa, Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana, Livraria Francisco Alves, 1918. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/410> Acesso em 21.set.2018.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: _____. **História da vida privada no Brasil**. República – da Belle Époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v. 3, p. 513-618.

SÜSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo de Letras**. Literatura, Técnica e Modernização no Brasil. 1ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.